



A PROJEÇÃO DA SOCIEDADE ATRAVÉS DA LITERATURA: AS PERSPECTIVAS DE JOÃO DO RIO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL CARIOCA DURANTE A BELLE-ÉPOQUE BRASILEIRA

Felipe Augusto dos Santos Vaz¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

RESUMO

A literatura tem, cada vez mais, demonstrado uma importância imprescindível à construção dos estudos historiográficos. Consideradas, também, como fruto das ideias que conduzem a história, as publicações literárias contribuem de maneira significativa à compreensão das relações sociais – carregando consigo uma representação da realidade vivida e ajudando-nos, portanto, a depreender quem somos. Nesta lógica, as reflexões arquitetadas nesta pesquisa buscam elementos nestes dois campos, a fim de apresentar a origem da organização social da sociedade carioca no prelúdio do regime republicano. Para esse fim, o estudo que aqui se apresenta toma como objetos de análise algumas das principais crônicas produzidas e publicadas por João do Rio – a saber: *O chá e as visitas*; *Trabalhadores de estiva* e *Fome Negra*.

Palavras-chave: História Cultural e Literatura; Antropologia; Brasil República; João do Rio.

ABSTRACT

Literature has, more and more, demonstrated an essential importance to the construction of historiographic studies. Considered also as a result of the ideas that drive history, literary publications contribute significantly to the understanding of social relations - carrying with them a representation of lived reality and helping us, therefore, to understand who we are. In this logic, the reflections researched in this research seek elements in these two fields, in order to present the origin of the social organization of the Carioca society in the prelude of the republican regime. To this end, the study presented here takes as object of analysis some of the main chronicles produced and published by João do Rio – namely: *O chá e as visitas*; *Trabalhadores de estiva* and *Fome Negra*.

Keywords: History Cultural and Literature; Anthropology; Brazil Republic; João do Rio.

Introdução

Seguindo a tradicional premissa proposta por Marc Bloch, torna-se indispensável lembrar que a história é a ciência dos homens no tempo e, dessa forma, a construção de sua escrita passa a levar em consideração a canônica tríade *homem-espaço-tempo* – tomando como diretriz não apenas as ideias que conduzem as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos, mas também todo e qualquer objeto produzido a partir de tais liames, dentro de seu respectivo recorte temporal. É partindo dessa lógica que o artigo aqui construído debruça-se sobre a temática da produção literária brasileira, buscando perceber como estas comportam-se como produtos de seu tempo, carregando consigo narrativas que constroem uma representação acerca da realidade. Mas, pode-se indagar, por que tomar como escopo a literatura? Qual sua relevância à compreensão da sociedade e, portanto, aos desígnios da ciência histórica?

As obras literárias são produtos culturais imbuídos por uma determinada narrativa, pautada, portanto, pelas intencionalidades daqueles que as escrevem. Ao produzir um texto, o autor tece – consciente e inconscientemente – suas perspectivas diante aquilo que se quer demonstrar – produzindo, dessa forma, determinadas representaçõesⁱⁱ da realidade vivida. Buscando dar sentido a certos aspectos constituintes de sua conjuntura histórica, os autores buscam – por meio de determinados

mecanismos textuais de apropriação por parte do leitor – legitimar sua interpretação da realidadeⁱⁱⁱ.

Não seria muito salientar que a criação dos textos literários detém papel fundamental, uma vez que acabam se portar como objetos que despontam certo olhar sobre as estruturas da qual fazem parte, potencializando as chamadas guerras de narrativas^{iv} que constituem as conjunturas e aguçando, ainda mais, as disputas de memória que também caracterizam as circunstâncias históricas. Para além de tais questões, é válido também as reflexões propostas por Geraldo José Alves, afinal, "(...) todo processo de interpretação de texto é um processo de decifração histórica^v".

A importância de alguns textos **224** ultrapassa, até mesmo, as barreiras temporais tradicionalmente impostas pela historiografia – como é o caso das obras consideradas “clássicas”. Mas o que, de fato, isso significa? Ou, também, para lembrar a indagação feita por Ítalo Calvino, *Por que ler os clássicos?* Parafraçando o escritor italiano, os trabalhos desta natureza auxiliam na compreensão de quem somos e onde chegamos, provocando uma nuvem de discursos críticos sobre si e, ao mesmo tempo, repelindo-as para longe. Dessa forma, um clássico caracteriza-se como uma obra que nunca cessa aquilo que quer dizer e, por isso, podem-se compreender suas constantes releituras e usos notados ao longo do tempo^{vi}.

É levando-se em conta tal definição que a investigação aqui orquestrada se limita a

observar, no recorte temporal da Primeira República no Brasil, os pormenores de alguns escritos clássicos de nossa literatura, orientando-se através da produção de João do Rio e buscando expor as perspectivas deste às mudanças que definiram o período em questão. Tomar-se-á como itens de análise três de suas crônicas, sendo elas, portanto, *O chá e as visitas*, *Trabalhadores de estiva* e *Fome negra* – trabalhos que possibilitam a esquematização das estruturas sociais e, sobretudo, culturais que compuseram os primeiros anos da república brasileira. A priori, na primeira seção, optou-se por destacar uma breve biografia sobre João do Rio, assinalando, ao mesmo tempo, alguns traços que definiram o panorama inicial do regime republicano. Em segundo momento, apontar como a sociedade carioca é narrada em suas obras – refletindo, em vista disso, organização entre as diferentes classes sociais que definem a realidade social de nosso autor.

De Paulo Barreto à João do Rio: um antropólogo social na Belle-Époque brasileira

Segundo François Laplantine, “(...) o homem nunca parou de interrogar-se sobre si mesmo. Em todas as sociedades existiram homens que observavam homens (...)”^{vii}. É, por conseguinte, com base nessa concepção que podemos compreender a idiosincrasia de Paulo Barreto, cujo pseudônimo João do Rio marcou de maneira expressiva tanto a literatura quanto a

história da sociedade carioca. Literário, teatrólogo e jornalista, sua vivência sempre deteve grande destaque dentre o corpo social do Rio de Janeiro, sobretudo, no que se refere à burguesia – visto sua grande admiração às novas concepções de caráter burguês que se instalavam no período correspondente à Primeira República. Mas, nos indaguemos: na realidade, quem fora nosso autor? Quais as técnicas utilizadas para composição de suas obras? Qual sua relevância para a construção do passado histórico do Brasil?

Nascido no Rio de Janeiro, em meados de 1881, Paulo Barreto provinha de uma típica família conservadora, cuja influência do positivismo marcara de maneira vultosa parte de sua vida. Conforme colocado previamente, João 225 do Rio pautou-se no ofício jornalístico, mas deteve grande inclinação à literatura, que desenvolvera com muito afínco. Diferentemente de alguns escritores que jaziam enraizados na conjuntura social, o autor em questão se sobressaía graças ao seu olhar global sobre a sociedade. Com base nas informações da própria Academia Brasileira de Letras - a qual integraria em meados de 1910 - fora o “(...) primeiro jornalista brasileiro a ter o senso da reportagem moderna (...)”^{viii}, sendo também, o “(...) criador da crônica social moderna (...)”^{ix}. Além disso, constata-se que “(...) usou vários pseudônimos, além de João do Rio, destacando-se: Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José”^x.

Para compreendermos as temáticas das obras de João do Rio, devemos entender o

contexto do qual fizera parte. Voltemos, portanto, há algumas décadas em relação ao seu sucesso decorrido no início do século XX. Nascido ainda nos tempos em que o Império de D. Pedro II fazia-se vigente, quando criança presenciara a grande movimentação que resultaria na transformação do sistema político - e conseqüentemente, econômico e social - e moldaria a sociedade às novas tendências. Desse modo, estivera diante das condições que levaram a monarquia a ruína e o estabelecimento do regime republicano, cujo processo de desencadeamento Emília Viotti da Costa relatara com notável minúcia:

A proclamação da República é o resultado, portanto, de profundas transformações que se vinham operando no país. A decadência das oligarquias tradicionais, ligadas à terra, a Abolição, a imigração, o processo de industrialização e urbanização, o antagonismo entre zonas produtoras, a campanha pela federação contribuíram para minar o edifício monárquico e para deflagrar a subversão.^{xi}

Com o novo sistema de governo, as inovações não tardariam a se suscitar. Assim como no processo de proclamação da república, a influência francesa fora decisiva na incorporação dos novos costumes que se delineariam ao longo dos primeiros anos do republicanismo. Projetava-se, dessa maneira, a Belle Époque, um dos mais significativos períodos da história brasileira e cujas características Nicolau Sevchenko descreveu como resultado de quatro aspectos fundamentais:

(...) a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.^{xii}

Ademais, o arrivismo tomara conta da sociedade e alimentava, cada vez mais, as desigualdades entre as camadas sociais. Conseqüentemente, produto da acelerada modernização, a pobreza se acentuara de maneira antagônica aos parâmetros da Belle Époque. A luta diária da prole urbana em meio às condições débeis de trabalho; a vivência nas precárias habitações - cortiços e pensões -, cujo saneamento básico nem sequer chegara a tais locais; bem como a crescente marginalização geográfica são algumas das características que mostram as agruras do outro lado da sociedade.

Em meio ao frenesi que projetava o contexto em questão, a literatura também exibía suas novas concepções. Como assinala Aline da Silva Novaes:

No que se refere à arte literária, do final do século XIX ao início do XX, tem-se um período de difícil definição devido ao hibridismo nas produções. Denominações como pré-modernismo, *art-nouveau*, *belle époque* tentavam dar conta das diversas tendências, enquanto nos movimentos aparecem o naturalismo, o simbolismo e o parnasianismo^{xiii}

Inteiramente integrado a isso, João do Rio angariou o sucesso, sobretudo, através de suas crônicas, cuja produção dependera de métodos pouco convencionais no meio literário. Derivando de tal premissa, podemos verificar procedimentos que detém relação com a antropologia - especificamente a de caráter social.

Tratado por Julia O'Donnell como “um pesquisador do meio urbano e da sociedade carioca então em rápida transformação”^{xiv}, é possível classificarmos Paulo Barreto como um verdadeiro antropólogo social, pois, de acordo com Laplantine, que parafraseou Durkheim, “a antropologia social, por sua vez, começa destacando a coesão das instituições, o caráter integrativo da família, da moral, e sobretudo da religião” – aspectos notáveis nas obras de João do Rio - sendo, tudo isso, resultado da observação direta dos fatos - um dos parâmetros de estudos etnológicos desenvolvido por Bronislaw Malinowski^{xv} – utilizado por nosso autor.

À vista disso, a observação que o próprio autor inferia sobre o corpo social servia de respaldo à estruturação de seus escritos, dando maior credibilidade ao que estava sendo narrado – uma vez que os textos jaziam em primeira pessoa, como em “Eu sorria, mas o pobre sujeito importante dizia isso como se recordasse os dois primeiros dentes de um homenzarrão (...)”^{xvi}; “Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores de estiva e, naquela confusão, via-os chegando

(...)”^{xvii} ou “Eu sabia precisamente de ver combinar varias (...)”^{xviii} ou em Aline da Silva Novaes ainda nos lembra:

João do Rio, com a sua narrativa, oferece ao leitor/espectador a possibilidade de acompanhar a evolução dos acontecimentos “a partir de uma coleção de pontos de vista, via de regra privilegiados, especialmente cuidados” (XAVIER, 1990, p. 370) para que a cidade que se desejava moderna se faça para ele com clareza^{xix}.

Nosso literato circunscreveu desse modo, sua relevância para a compreensão da sociedade. É em seu repertório que se observa a fusão entre contexto e técnica, sendo o primeiro referente às transformações decorridas e suas repercussões nos mais diversificados âmbitos da sociedade; e **227** o segundo, o reconhecimento de tais mudanças e constituição dos fatos nos textos produzidos. Suas produções abordavam “(...) desde assuntos como carnaval, dança e música até política, educação e questões indígenas”^{xx} e não à toa, seu pseudônimo como tal, revela sua forte ligação com a cidade, marcada pela sua pluralidade cultural.

O Rio de Janeiro nas obras de João do Rio: organização e costumes das classes sociais

Ao nos debruçarmos sobre a obra “*O chá e as visitas*”^{xxi}, é possível colocar em evidência algumas peculiaridades de uma parcela da sociedade carioca que acompanhara a síntese e desenvolvimento dos valores que resultaram em

tais transformações, nunca antes assistidas no seio social: a burguesia. Ao longo dos primeiros anos da proclamação da República, a classe burguesa no Brasil - favorecida pelo entusiasmo da conjuntura econômica - adotara, cada vez mais, as influências europeias para a modernização do país, ou melhor, de sua capital. Portanto, temos no alvorecer do sistema de governo republicano, as concepções da Belle Époque - que, parafraseando Sevcenko, define-se por um período em que as linhagens intelectuais são marcadas pelo utilitarismo, positivismo, liberalismo e humanitarismo.

Nesta perspectiva, no que se refere ao específico trabalho analisado, verificamos os costumes de tal classe em torno de dois elementos que João do Rio adotara como ponto central de sua obra: o chá e as visitas. Como aponta o próprio autor, "(...) a transformação súbita, essa transformação que nós mesmos ainda não avaliamos bem, feita assim de repente no alçapão do Tempo, foi operada essencialmente pelo Chá e pelas Visitas"^{xxii}. Produto que antes fora consumido de maneira moderada no Brasil e comumente apreciado em diversos países da Europa - dentre eles destacam-se a Inglaterra e, sobretudo, a França - o chá vem substituir o uso do café - cuja importância atribuiu-se tanto pela questão econômica de sua exportação desde os tempos do Império, quanto pelo seu consumo na sociedade.

Considerado por nosso literato "(...) uma espécie de colchete da sociabilidade no lar e de incentivo na rua", com as novas perspectivas da burguesia, o café sede lugar ao chá, que dentre os benefícios de seu consumo destaca-se o fato de o mesmo ser distinto e elegante, o que "favorece a conversa frívola e o amor que cada vez mais não passa de flirt"^{xxiii}, desencadeando um significativo aumento das relações sociais - ressalta-se, burguesas - e o advento das visitas - que observadas, detém-se pela rapidez com as quais se definem. O autor defende ainda: "Assim, como sem vontade, o homem era obrigado a beber café em cada casa, o café que servia nos botequins para quando estava suado, para quando estava fatigado, para quando não 228 tinha o que fazer - para tudo enfim"^{xxiv}. Ademais, o consumo deste, por ser o elemento que concatenara os indivíduos, favorecia delongas visitas - sendo, às vezes, os convidados tratados como hóspedes, visto que chegavam a pousar nos locais. Conforme discorre João do Rio: "E dormiam mesmo e passavam, um, dois, três dias, e as despedidas eram mais enternecidas do que para uma viagem"^{xxv}.

Com o novo panorama burguês tais comportamentos eram ultrapassados. O chá, em sua integridade, detinha uma série de benefícios quando comparado ao café:

"o chá excita a energia vital, facilita a palestra, dá espírito a quem não o tem- e são tantos! (...) engana a fome e diminui o apetite. Quando as damas são gordas o chá emagrece, quando as damas são magras dá-

lhes com o seu abuso, sensações de frialdade cutânea, um vago mal estar nervoso, que é de um encanto ultra moderno. Por isso toda a gente toma chá".^{xxvi}

Constata-se, inclusive, o surgimento de "Tea room"^{xxvii}, frente ao sucesso assistido pelo chá. A afabilidade, proporcionada pelo consumo desta mercadoria, era tanta que comumente verificava-se nos jornais "communicando os dias de recepção de diversas senhoras, de Botafogo ao Caju"^{xxviii}. Nesta lógica, é possível ratificar que essas - podemos chamar - "sessões de chá", ocorriam em regiões do estado do Rio de Janeiro marcadas pelos altos privilégios econômicos, em bairros de grandes estimas como Laranjeiras, Gávea, São Cristóvão e entre outros, o que nos leva a classificarmos como uma mercadoria tipicamente burguesa. João do Rio também nos chama atenção com relação às visitas, que passaram ser requintadamente rápidas:

Agora, o Dr. Fulano tem as portas abertas pelo criado sem palavras e entra no salão sem espalhafatos. Os cumprimentos são breves. Raramente aperta-se a mão das damas. Há sempre chá, *petits fours* e, esse allucinante tormento mundano chamado *bridge* (...). Depois um cumprimento, um *shake-hands* perdido, ondulações de reposteiros. Quanto menos demora, mais elegancia. Vinte minutos são um encanto. Uma hora, o *chic*. Duas horas só para os íntimos, os que jogam *bridge*.^{xxix}

Com o chá, dava-se também, reputação às donas de casa, pois "nos tempos de antanho, uma boa dona de casa era a senhora que sabia coser, lavar, engommar e vestir as creanças. Hoje é a dama que serve o melhor chá, e que tem com

mais *chic* - *son jour*, para reter um pouco mais as visitas"^{xxx} - denotando, por exemplo, o papel da mulher burguesa dentro da sociedade.

Por isso, a bebida em questão reforçava valores como elegância, conforto, gentileza, sociabilidade e entre outros, dos quais definem a classe plutocrata brasileira do século XX. Como denota o autor de nossa pesquisa:

Com o chá e as Visitas modernas, ninguém se irrita, ninguém dorme a conversar, os cacetes são abolidos, a educação progride, ha mais apparencia e menos despeza, e um homem só pôde queixar-se de fazer muitas visitas, isso com o recurso de morrer e exclamar como *Ménage* na hora do *trespasse*. *Dieu soit loué! Je ne ferai plus de visites...*^{xxxi}

Antagonicamente à estofa burguesa, direcionemos nossa atenção à fração da sociedade carioca destituída dos privilégios - socioeconômicos e políticos -, que também protagonizara a conjuntura da Primeira República. Em "*Os trabalhadores de estiva*"^{xxxii}, João do Rio nos dispõe o cotidiano de pessoas comuns que, por sua vez, compunham majoritariamente o corpo social carioca. Temos então, a projeção de uma camada pouco atendida pelo aparelho do Estado, cuja marginalização - social e geográfica - denota-se como característica predominante. Seguindo tal concepção, primeiramente apeguemo-nos às primeiras narrações acerca da classe operária abordada:

Às 5 da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na

claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos maldormidos à beira dos quiosques. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos; no interior os caxeiros, preguiçosos, erguiam os braços com bocejos largos^{xxxiii}.

De início, é fácil percebermos a grande diferença em relação aos hábitos colocados anteriormente. O trabalho, sendo elemento fundamental para a sobrevivência dos indivíduos pobres, era indispensável à rotina da população economicamente debilitada, logo, podemos pautar o ofício como um costume. Na primeira crônica previamente examinada, temos que "(...) só um doido pensa em passar dias na casa alheia. Passar dias com tanto trabalho e tantas visitas a fazer!"^{xxxiv}, o que nos instiga a levantar a hipótese de que o emprego destas pessoas - que se dispunham a fazer visitas corriqueiramente - não podem sequer ser igualado às atividades da classe das pessoas analisadas neste momento. Aqui entramos na questão da exclusão social, visto que a burguesia legava ao árduo trabalho os indivíduos desprovidos economicamente. Neste aspecto, a atividade pode ser posta como a maior forma de dominação, acentuando, ainda mais, as disparidades entre as camadas sociais.

Os relatos dos trabalhadores de estiva reproduzem de maneira significativa as condições de vida que resultavam nas buscas de tais empregos como aponta, afinal, um deles: "Com mulher e oito filhos precisa trabalhar"^{xxxv}. Mas não devemos nos ater unicamente a este ofício, dado que os discursos empregados por

tais proletários ilustram um sentimento em comum com as demais atividades inferiorizadas. Em "*Fome Negra*", por exemplo, nos deparamos com os operários das pedreiras na Ilha da Conceição - um polo metalúrgico de grande importância econômica para as empresas. Aqui, as circunstâncias da vida são equiparadas às dos trabalhadores citados a pouco, afinal, da mesma maneira estavam submetidos às penosas empreitadas que nutriam os negócios dos burgueses. Segundo relatos de João do Rio:

Esse trabalho é contínuo, não tem descanso. (...) Trabalha-se dez horas por dia com pequenos intervalos para as refeições, e ganha-se cinco mil réis. Há, além disso, o desconto da comida, do barracão onde dormem, mil e quinhentos; de modo que o ordenado da totalidade é de oito mil réis (...)^{xxxvi}.

230

Também devemos nos deter ao exame do ambiente o qual viviam esses trabalhadores, inserindo-nos na questão da marginalização geográfica e as conjunturas que a regem. Aqui, conseguimos verificar que o autor descreve a moradia da prole observada - algo que fugia completamente ao que se espera das concepções da Belle Époque:

De madrugada, escuro ainda, ouviu-se o sinal de acordar. Raros ergueram-se. Tinha havido serão até meia-noite. Então, o feitor, um homem magro, corcovado, de tamancos e beiços finos, o feitor, que ganha duzentos mil réis e acha a vida um paraíso, o sr. Correia, entrou pelo barracão onde a manada de homens dormia com roupa suja e ainda empapada do suor da noite passada.^{xxxvii}

No que lhe diz respeito, tal narrativa dialoga com os estudos de Nicolau Sevcenko sobre a população no centro urbano do Rio de Janeiro, que se via legada à "habitações coletivas, precárias, insalubres e superpovoadas"^{xxxviii} - os cortiços. Mas, do mesmo modo, temos de ressaltar que os trabalhadores e sua família habitavam também "os 'infernais pandemônios que são as hospedarias e as casas de cômodos', em que predominava 'uma revoltante promiscuidade, dormindo frequentemente em um só leito ou em uma só esteira toda uma família'"^{xxxix}.

Outro fato interessante e que reafirma a questão das diferenças culturais entre as classes observadas está na alimentação. Voltemos à questão do café: este, cujo consumo já não detinha tamanha importância frente ao chá, na classe dos trabalhadores - ou seja, na camada socialmente desprovida - compunha parte do péssimo cardápio o qual estavam obrigados. Isso é possível justificar através do relato de João do Rio, que coloca:

Ainda estremunhados, sorviam uma água quente, da cor do pó que lhes impregnava a pele, partindo o pão com escaras da mesma fuligem metálica, e poucos eram os que se sentavam, com as pernas em compasso, tristes. (...) Logo depois do café, os pobres seres saem do barracão e vão para a parte norte da ilha, onde a pedreira refulge.^{xl}

Eis então o outro lado. A sociedade carioca no prelúdio republicano é marcada pela transformação, moldando o corpo social de

maneira a acentuar as minúcias das classes protagonistas. Ilustra-se, portanto, uma cidade cuja imagem é "tomada integralmente pela miséria"^{xli}, ao mesmo tempo em que "(...) se instala uma rotina de hábitos elegantes ao longo de toda a cidade (...) "^{xlii}. Um aspecto se contrapõe o outro, sendo o primeiro, resultado da implantação do segundo. Assim, como apontado por Sevcenko:

Carência de moradias e alojamentos, falta de condições sanitárias, moléstias (alto índice de mortalidade), carestia, fome, baixos salários, desempregos, miséria: eis os frutos mais acres desse crescimento fabuloso e que cabia à parte maior e mais humilde da população provar.^{xliii}

Considerações finais

231

Em vista das reflexões até aqui traçadas, pode-se perceber o quão significativo são os textos literários à compreensão dos sujeitos e conjunturas históricas – ou melhor, de suas respectivas construções. As perspectivas tecidas por João do Rio na constituição de suas crônicas permitem observar a formação social assistida na, até então, capital do país – engendrando os aspectos culturais de classes sociais distintas, bem como a forma pela qual se relacionaram ao longo do processo histórico. Produzidas aos moldes de sua “realidade objetiva” – para usar uma expressão empregada por Geraldo José Alves^{xliv} –, as obras aqui analisadas se mostraram como aportes indispensáveis à

percepção da realidade que nos cerca, dando sentido à organização e manutenção das estruturas históricas no decorrer do tempo e, ao mesmo tempo, auxiliando nossa reflexão quanto a posição ocupada por cada indivíduo nos campos que demarcam o mundo social – permitindo, por fim, refletir sobre nossa posição diante as circunstâncias do tempo presente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Geraldo José. Decifra-me ou devoro-te: Uma reflexão sobre a percepção e instrumentalização das noções de texto e contexto no ensino de história e literatura. In: **Dialogia**, v. 1, 2002, pp. 55-64.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. In: **Revista de Teoria da História**, n. 3, 2010. pp. 94-109
- BRASIL. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Paulo Barreto - pseudônimo: João do Rio**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.
- COSTA, Emília Viotti da. A proclamação da República. In: **Da monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. pp. 447-490.
- LAPLANTINE, François. Antropologia social. In: **A prender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Malanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. pp. 18-38.
- NOVAES, Aline da Silva. O discurso de João do Rio: poder no jornalismo durante a modernização. **Revista Contemporânea**, v.7, n.1, 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/contemporanea/article/view/350>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- O'DONNELL, Julia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- RIO, João do [Paulo Barreto]. Fome negra. In: **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1908]. pp. 113-118.
- RIO, João do [Paulo Barreto]. O Chá e as visitas. In: **Vida vertiginosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1911].
- RIO, João do [Paulo Barreto]. O reclamo moderno. In: **Vida vertiginosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1911]. pp. 71-84.
- RIO, João do [Paulo Barreto]. Trabalhadores de estiva. In: **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1908]. pp. 107-111.
- SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: **Literatura como**

missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999. pp. 25-68.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). O prelúdio republicano, as astúcias da ordem e as ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil: República: da Belle époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 7-47.

NOTAS

ⁱ Mestrando em História pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH -UNIFESP). Possui graduação em História pela Universidade Nove de Julho.

ⁱⁱ Esta pesquisa toma como *representações* as formas de construção da realidade social empreendida por determinados sujeitos, organizando a apreensão do mundo social o qual está inserido. Ver: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** 2. ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002. p. 17.

ⁱⁱⁱ É interessante perceber que tal produção textual acaba se definindo por um complexo processo, constituído pela relação entre a escrita do texto, este – propriamente dito – e, por fim, as possibilidades de interpretação sobre sua leitura – aspectos, de certo, detalhados por Valdeci Rezende Borges. (Ver: BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. In: **Revista de Teoria da História**, n. 3, 2010. pp. 94-109).

^{iv} Sobre as questões ligadas às narrativas na construção da história e historiografia, as observações de Christian Lavielle tornam-se indispensáveis: LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. In: **Revista Brasileira de História**, n. 38, v. 19, 1999. pp. 125-138. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v19n38/0999.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

^v ALVES, Geraldo José. Decifra-me ou devoro-te: Uma reflexão sobre a percepção e instrumentalização das noções de texto e contexto no ensino de história e literatura. In: **Dialogia**, n. 1, p. 62.

^{vi} CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

^{vii} LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 13.

^{viii} ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Biografia, Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio>.

^{ix} *Ibid.*

^x *Ibid.*

^{xi} COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República: momentos decisivos.** São Paulo: Unesp, 1999. p. 451.

^{xii} SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 30.

^{xiii} NOVAES, Aline da Silva. **O discurso de João do Rio: poder no jornalismo durante a modernização.** In: Revista Contemporânea, n.1, p. 53.

^{xiv} O'DONNELL, Julia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 9.

^{xv} MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** São Paulo: Abril Cultural, 1984. pp. 18-38.

^{xvi} RIO, João do [PAULO BARRETO]. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1908]. p. 7.

^{xvii} *Ibid.*, p. 107.

^{xviii} *Idem.* **Vida vertiginosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1911]. p. 71.

^{xix} NOVAES, Aline da Silva. **O discurso de João do Rio: poder no jornalismo durante a modernização.** In: Revista Contemporânea, n.1, p. 56.

^{xx} *Ibid.*, p. 52.

^{xxi} RIO, João do [Paulo Barreto], **Vida vertiginosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1911]. pp. 47-54.

^{xxii} *Ibid.* p. 48.

^{xxiii} *Ibid.*, p. 49.

^{xxiv} *Ibid.*, p. 48.

^{xxv} *Ibid.*, p. 52.

^{xxvi} *Ibid.*, p. 49.

^{xxvii} *Ibid.*, p. 50.

^{xxviii} *Ibid.*, p. 51.

^{xxix} *Ibid.*, p. 53.

^{xxx} *Ibid.*, p. 50.

^{xxxi} *Ibid.* p. 54.

233

xxxii RIO, João do [PAULO BARRETO]. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1908]. pp. 107-111.

xxxiii *Ibid.*, p. 107.

xxxiv RIO, João do [Paulo Barreto], **Vida vertiginosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1911]. p. 52

xxxv *Idem*, **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1908]. p. 108.

xxxvi *Ibid.*, p. 114.

xxxvii *Ibid.*, p. 113.

xxxviii SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 55.

xxxix *Ibid.*, p. 56.

xl RIO, João do [Paulo Barreto]. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1908]. p. 113.

xli SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 59.

xlii *Ibid.*, p. 37.

xliiii *Ibid.*, p. 52.

xliv Dissertando sobre a relação entre texto e contexto, ao autor evidenciara que “o texto contém os dados do seu contexto, pois dele é produzido como realidade objetiva. Nele interferem todas as circunstâncias necessárias e contingenciais que possibilitaram sua existência, assim como os fatores que garantiram sua permanência no tempo e no espaço, testemunha e herança de uma época, de um lugar, de uma cultura, reflexos mediatos e históricos de uma dada organização humana e social. (Ver: ALVES Geraldo José. Decifra-me ou devoro-te: Uma reflexão sobre a percepção e instrumentalização das noções de texto e contexto no ensino de história e literatura, **Dialogia**, n. 1, 2002, p. 59).

Recebido em: 29/12/2017.

Aprovado em: 18/01/2018.

Publicado em: 30/01/2018.